

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ROBERTO MILWARD DE ANDRADE
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - Roberto Milward de Andrade (RA)

Entrevistadores - Eduardo Vilela Thielen (ET) e Lisabel Spellet Klein (LK)

Data - 04/06/1991

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração - 1h25min

Transcrição - Nathacha R. B. Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ANDRADE, Roberto Milward de. *Roberto Milward de Andrade. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1991. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 22p.

Data: 04/06/1991

Fita 1 - Lado A

RA - ... a autorização por parte naturalmente do Maneco, isso foi imediatamente colocado em março e viabilizado, feita a transferência, e algumas pessoas que constituíram o Instituto de Malariologia aqui do Rio, se transferiram prá Belo Horizonte, não é? Alguns técnicos, auxiliares técnicos e a coisa começou, então, a funcionar. E em Belo Horizonte o René teve a, vamos dizer o cuidado, de procurar completar os quadros, ou melhor ainda, criar um quadro de pesquisadores dentro da instituição, que lá está, você conhece o prédio de lá?

LK - Conheço.

RA - Conhece, não é?

RA - Não era daquele tamanho, era bem menor, só tinha a parte da frente, o resto tudo foi construído depois. Aí o que ocorre? Ele foi buscar esse pessoal dentro da, nascente, digamos assim, universidade que, na verdade, era dentro de duas, três, faculdades. Uma foi a faculdade de Filosofia, e lá havia um pessoal competente, que lutaram em tremenda dificuldade, desejosos de fazer pesquisas, mas sem grandes possibilidades, sem muitos recursos, não é? E aí dois nomes pelo menos vem à mente de imediato: um é o nome do José Pellegrino, era um cidadão extremamente inteligente, competente, capaz etc., e deixou uma bagagem científica significativa, quase toda ela feita lá dentro do Centro de Pesquisas, não é, embora já tivesse um mínimo de experiência anterior. Também o professor Jorge Schreiber, que era um cientista, de Trieste, mas de origem, vamos dizer, de cultura italiana, porque Trieste era uma cidade que ora pertencia a um país, ora pertencia a outro, ora pertencia à Itália, enfim, coisas da história europeia, e ele era um sujeito de grande pulso, de grande competência, e de grande cultura. Um homem de grande cultura, não é uma cultura ampla, não é uma cultura tão pequenininha como é a nossa de terceiro mundo, não: era um indivíduo que falava duas, três, quatro línguas e naturalmente do mundo de arte, ciência, música, literatura, e tudo mais. E ele foi, vamos dizer, cooptado, e passou a ter um laboratório dentro da instituição, e aí ele começou a formar pessoal, não é? Um outro nome que se sobressai, e que também, em parte, vinha da faculdade de Filosofia, e por outro lado vinha da faculdade ou da Escola de Veterinária, era o Pompeu Menório, que era também um rapaz jovem, na época, isso foi na década de 50, e que tinha feito inclusive um doutorado em Cambridge, na Inglaterra.

Foi prá lá também uma pessoa, alguém que era também jovem, tinha pouco tempo de formado, talvez uns três anos, quatro anos, que foi, é o Zigman Brener. Era bem jovem, estava iniciando e trabalhava parcialmente como assistente do professor Amilcar Vianna Martins na faculdade de Farmácia. O professor Amilcar Viana Martins foi professor titular de três escolas diferentes. Ele foi durante uma certa época professor da Faculdade de Filosofia, como professor de Zoologia; ele foi da faculdade de Farmácia, era Odontologia e Farmácia, ele dava aula de Parasitologia, e na Medicina também, Parasitologia, que ele era professor na época como se chamava professor catedrático, não é? De catedrático de Farmácia e de Medicina, ele se desvinculou então da Faculdade de Filosofia, que não era federal, governamental, depois é que foi federalizada etc, daí ele ter se desvinculado inclusive porque

não podia, duas podia, mas três não. E as coisas foram então crescendo... por coincidência, o doutor Wladimir Lobato Paraense, que era de Manguinhos, estava trabalhando em Belo Horizonte, mas num núcleo de pesquisas do SESP, e eu havia ido a Belo Horizonte por questões de saúde, porque Belo Horizonte fica numa espécie assim de, de sanatório ou coisa que o valha. Por causa do clima, que na época, isso era sempre aconselhado para aqueles que tinham problemas pulmonares ou análogos. Hoje as coisas são diferentes! Eles têm uma quimioterapia que resolve, independente de clima, as coisas são outras, não é? Bom, então o [Wladimir] Lobato estava a ponto de voltar para o Rio, porque o SESP tinha acabado com o setor de pesquisas, ou estava em vias de acabar de fechar esse setor, de não cuidar de pesquisa. E com a transferência do instituto de malariologia prá lá, então o Lobato foi, foi aberta essa possibilidade de o Lobato ir para o centro de pesquisas. E ele foi.

Ao invés de voltar pro Rio ele continuou em Belo Horizonte, então, aí já tinha uma instituição nascente, e dentro de um prédio cujo arquiteto, eu acho que muito pouca gente sabe, ouviu? Tem gente até surpresa, foi um grande, é um grande nome do urbanismo brasileiro, porque se você observar aquele prédio é uma arquitetura moderna, e naquela época esse moderno tinha um sabor diferente de hoje. Já são passados 40 anos, 1950, nós estamos em 90, não é? Mas o prédio, ele foi, foi desenhado, foi enfim, a planta foi feita pelo Lúcio Costa, Lúcio é que o autor, que fez o projeto, bom e aí a instituição foi crescendo com incursões bastante amplas, bastante marcadas. A esquistossomose era um problema muito ventilado, digamos pelos organismos internacionais, ou particularmente pela Organização Mundial de Saúde, não é? Isso deu um alento muito grande, essa questão foi de um grande significado. Significação marcada, não é, e é curioso observar o seguinte: que alguns anos depois, quando vai se avolumando aquele problema dos excedentes nas universidades, várias delas através de posturas governamentais foram obrigadas a aumentar o número de vagas, não é? Foi quase uma imposição. E isso foi feito, mas à custa de que, era um risco, porque não havia quadros também para atender a essas necessidades, essas demandas, quer dizer quadros de professores. Então, em Belo Horizonte ocorreu uma coisa curiosa: o pessoal do instituto é que foi cooptado, solicitado, convidado prá ser professor da universidade, dentro dessa área de pesquisa. Inclusive, por exemplo, o Marcelo Coelho, que era de Recife, e foi prá Belo Horizonte, ele foi até substituir a mim, eu era o diretor, e ele foi no meu, ficou no meu lugar.

LK - Era o que eu ia te perguntar. Foi substituído por René Rachou?

RA - Exato.

LK - Em 57.

RA - Eu fui o segundo diretor, participei da criação, como cofundador, vamos dizer assim, de certa maneira, embora fosse uma instituição que já tinha mudado de lugar, mas também já era uma outra coisa.

ET - Uma dúvida.

RA - Sim.

ET - Aqui no Rio era instituto de Mala...

RA - Malariologia, exato.

ET - Aí quando vai prá Belo Horizonte ele incorpora?

RA - Não, ele continua como instituto de malariologia.

ET - Mas contemplando outras doenças?

RA - Mas como havia indicado aqui, em 54 com o decreto do Getúlio Vargas, e tendo o Miguel Couto Filho como ministro da Saúde, eles criam dentro do Serviço Nacional de Malária, uma campanha nacional contra esquistossomose, é o início de mudança. Isso em 54, então o instituto de Malariologia começou a trabalhar, e já trabalhava no Rio, em outras áreas. Eu mesmo já tinha em parte, deixado de trabalhar com malária e trabalhar com esquistossomose. E quando eu fui prá Belo Horizonte eu abandonei totalmente, porque eu já fui entomologista, já publiquei algumas coisas, enfim, ou vários trabalhos sobre isso, eu trabalhei no Brasil quase todo em termos de malária, ou conseqüentemente ligado à Entomologia, não é? Mas em Belo Horizonte, me fixei num programa de esquistossomose. Mas então a instituição começa a crescer, a se desenvolver, e vem o que eu disse a pouco, ela começa a fornecer pessoal para a universidade. Ao invés da universidade criar pessoal para a instituição de pesquisa, foi exatamente o oposto que se deu. Porque a instituição era uma escola de formação de gente, de pessoal, e de mão-de-obra qualificada, e altamente qualificada, porque era um instituto de pesquisa. Ainda que em grande parte constituído por pessoas que eram, vamos dizer assim, entre aspas, autodidatas, porque não eram como hoje que tem os cursos de pós-graduação e tudo mais. E inclusive isso: o curso de pós-graduação em parasitologia, o primeiro curso criado no Brasil foi criado em Belo Horizonte, e pelo Centro de pesquisas René Rachou, e foi dado o primeiro curso, e os que se seguiram, em parte, mas o primeiro todo dentro do instituto, não era nem na escola de Medicina que tinha um departamento de Parasitologia como tinha o departamento de Parasitologia na escola de Farmácia, e tinha uma cadeira de Zoologia na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Não! Ele foi dado dentro do instituto de Malariologia. Com o pessoal do instituto que dava aula, e que constituiu o elenco que foi encaminhado ao Ministério prá protelar.

LK - O senhor tem documentação desse curso?

RA - Não, não tenho.

LK - Então onde é que eu encontro isso?

RA - Não tem, ouviu, mas isso foi encaminhado ao Ministério. Então aquele elenco foi o pessoal do instituto e que era colocado como pessoal da universidade, mas, na verdade, a coisa foi dessa forma. Então fomos nós, quer dizer, nós ainda no sentido daquele grupo, não é? Que realizamos essa tarefa e que constituímos aquele núcleo de pesquisas e que se tornou bastante marcado em termos internacionais. Porque ao Brasil vinham pesquisadores da Europa, sobretudo ligados à OMS, também da Inglaterra, França, outros países da Alemanha e também depois dos Estados Unidos, tomar conhecimento ou trabalhar, de alguma maneira, ou visitar instituições de pesquisa dentro da área de parasitologia, e ia prá Belo Horizonte.

Eu me lembro que eu organizei, quer dizer, organizei em termos, porque isso era o grupo da instituição, se teve a ideia de fazer um trabalho, uma monografia, sobre esquistossomose. Então cada um escrevia um capítulo, e algumas pessoas de fora de Belo Horizonte, mas o grosso era do pessoal que estava em Belo Horizonte. Cada um escreveu um capítulo e eu escrevi um capítulo de Ecologia. Quando, com a prática, ninguém sabia o que era ecologia... definia simplesmente o que era ecologia e o primeiro laboratório de Ecologia dentro de um serviço público no Brasil quem criou fui eu. E havia uma coisa engraçada, ...

LK - René Rachou?

RA - E dentro do René Rachou. Não aí, já era aqui o Instituto de Malariologia, mas era o diretor também, que era o Luiz Romeiro o diretor aqui na cidade das Meninas, não é? Mas às vezes ocorriam coisas curiosas, também porque todos os laboratórios tinham uma plaquinha com o nome; laboratório e o nome, não é? E o meu, laboratório de Ecologia; então, as pessoas me paravam assim, e perguntavam “Ecologia, mas o que é isso?”, e vem que vamos dizer, gente boa, e não sabia o que era Ecologia. E, às vezes, eu até brincava, eu disse “Ah, mas está muito claro, Ecologia: Logia vem logos, aí a pessoa ficava assim meio encabulada, eu dizia assim, estudo do Eco, não é, e a instituição cresceu...

LK – Mas quando você foi prá lá, você já foi pro laboratório de Ecologia?

RA – Sim, exato, ele já existia aqui, no instituto de Malariologia, foi transferido prá lá. Exatamente, foi transferido prá lá.

LK – E tinha Entomologia?

RA – Entomologia, Ecologia, Química, era Química de inseticidas, não era Química com..., depois Genética, era a alma, estava marcado. Até hoje eu me arrependo, tive sempre impulso de fazer genética de caramujo, mas sempre marcava, com o Schreiber, ele que seria o orientador por ser a pessoa competente, capaz etc., mas eu nunca cheguei a... Ficou só na vontade...

LK – Ficou só na intenção?

RA – Ficou só na intenção, na vontade, eu nunca cheguei a mexer...

LK – Mas você tinha Química de inseticidas, ligado aqui à questão da fábrica?

RA - É, porque estava ligado à coisa, à essa fábrica de BHC, estava voltada muito prá questão de doença de Chagas, porque em relação à malária, era o DDT, e não havia produção de DDT no Brasil. Até uma, um aspecto nessa questão, é que o doutor Pinotti, ele tentou enormemente que o Brasil tivesse uma fábrica de DDT, porque era um grande consumidor de DDT. Não era. Foi o, me parece que foi o primeiro país no mundo que fez uma campanha contra malária em cima do DDT, que vinha da guerra, que ocorria, tinha terminado há pouco tempo atrás na época, não é? Ele queria, então, mas os americanos evidentemente que resistiam, ainda estavam numa fase de desenvolvimento; não só os Estados Unidos, mas o mundo de um modo geral, então eles não iam dar, colocar uma fábrica aqui, hoje é exatamente o oposto.

LK - Eles querem?

RA - Colocariam porque os resíduos ficam lá no país do Terceiro Mundo e não no país, na matriz, não é, do Primeiro Mundo, não é?

LK - Mas eles resistiram e não permitiram. Posteriormente foi criado, também levando em consideração o programa de tecnologia, que era necessário. O DDT é diferente da tecnologia do BHC, então foi criada essa fábrica de BHC porque o DDT é um inseticida que não tem ação sobre os transmissores de doença de Chagas, dos barbeiros, os triatomíneos, mas o BHC sim, é o inseticida indicado. Então foi instalada essa fábrica, e veja a ignorância das coisas: a fábrica estava dentro de uma área com um laboratório de pesquisas que se mexia com insetos, com não sei o que, e depois foi desativada e tem lá, dizem, que tem dezenas de toneladas de material, mas só muito mais tarde que essa coisa tomou o vulto conhecido hoje. Eu me lembro que o pessoal que trabalhava na fábrica, recebia uma quantidade de leite, porque o leite era bom pra evitar problemas de intoxicação etc., era um único medicamento. Em vez de defender o indivíduo contra intoxicação, não: se intoxicava e com o leite ia desintoxicar, mas essa fábrica naturalmente foi desativada e a instituição cresceu e passou a ter uma produção científica marcada de trabalhos de valor, trabalhos sérios, trabalhos competentes, trabalhos, enfim, executados segundo os padrões clássicos da metodologia científica.

LK - Quando se fala em Centro, você diz que o primeiro curso de pós-graduação em Parasitologia no Brasil foi do René Rachou.

RA - De parasitologia, é.

LK - De Parasitologia, é, agora, isso foi uma...

RA - Não oficialmente.

LK - Ah, pois é.

RA - Oficialmente não.

LK - Isso foi informal.

RA - Oficialmente foi dado pela universidade, mas na verdade, era o pessoal da instituição, e dentro dos laboratórios da instituição. Esse é que era o fato, o fato concreto, incontestado, e tudo mais, aquilo foi mobilizado e montado de maneira que funcionava dentro do instituto.

LK - As pessoas eram as mesmas, não é? Mais ou menos davam aula na universidade e estavam dentro do instituto, mas formalmente ficou com a universidade o curso?

RA - É porque a pós-graduação é criada e montada dentro das universidades, dentro das escolas pelo menos e, no caso, eu ia dizer que estava dentro do grupo não, invertia, não é? Dentro da universidade, com colaboração, mas, na verdade, não era assim.

LK - Esse curso é de que época?

RA - Foi de 1969.

LK - 1969, que é o período da universidade.

RA - Foi quando houve a reforma universitária.

LK - E aí tem um problema, porque tem um grupo que sai do instituto e vai prá universidade, porque aí tem que fazer a opção de...

RA - Não, mas aí a coisa já é um pouco diferente. Houve uma luta no sentido do tempo integral, que era um desejo antigo, tempo integral, dedicação exclusiva etc., então, tinha um problema econômico em jogo, não é? E o pessoal foi contratado pela universidade, era CLT; enquanto no serviço, no instituto era grupo de um quadro, mas anteriormente não era nem de um quadro; era reserva três, era um negócio todo e de repente, foi estabelecido o seguinte: quer dizer, quem quisesse fazer tempo integral na universidade podia fazer opção sem que perdesse o cargo. Tinha, quer dizer, ele ficaria, a qualquer momento ele poderia voltar, e contava tempo para a aposentadoria. Tanto que, no fim, muita gente se aposentou, e de uma maneira muito engraçada, continuando no instituto, porém como professor da universidade, mas o trabalho mesmo era na realidade feito no instituto, porque a universidade não tinha condições prá abrigar esse pessoal todo. Só muito mais tarde, hoje, que tem o *campus* da universidade lá na Pampulha, mas *campus* é uma coisa mais recente. As coisas mudaram, mas o pessoal fez opção pela universidade, mas continuou trabalhando no centro de pesquisas. Quer dizer, é uma, do ponto-de-vista formal, era um dolo, porque ele tinha feito a opção, mas, na verdade, ele não trabalhava na universidade.

LK - Era cedido.

RA - Porque a universidade não tinha condições. Então era aquele jogo, era uma situação dessa natureza, não é?

LK - Em 1970 é criada a Fundação?

RA - É, a Fundação é criada em 1970, se não me engano tá aqui colocado, não, DENERu, DENERu, eu não sei deve ser dito em algum lugar.

LK - No momento em que foi criada a Fundação, há uma institucionalização porque o instituto passa, é o DENERu que passa, aliás, o INERu que passa a pertencer à Fundação, naquela categoria de órgãos autônomos?

RA - Exato, é porque na fase inicial a coisa não tava muito clara, exato, porque havia uma legislação, mas como também era um período ditatorial, autoritário, essas coisas muitas vezes eram atropeladas e ficavam assim mesmo porque o poder era o poder e impunha e fim de conversa, não é? Tanto que, eu tenho impressão que o desaparecimento do INERu, dentro da

Fundação, até hoje não se deu de maneira formal. Isso é uma impressão pessoal minha. Eu nunca vi nenhum decreto, nenhuma coisa que mudasse isso. E, no entanto, ele desapareceu.

LK - É porque ele é absorvido, não é?

RA - Exato.

LK - A Lina com o laboratório de Entomologia ...

RA - Exato.

LK - É absolvida no departamento de Entomologia.

RA - Sim, porque o INERu foi absorvido.

LK - Sim ele vem...

RA - Pela Fundação, quer dizer, ele foi integrado à Fundação, mas o INERu desaparece sem que houvesse uma...

LK - Uma formalização?

RA - Um documento formal, uma coisa assim.

LK - Eu não me lembro de ter visto também.

RA - Tanto que eu sei, essas coisas ficam até meio, ele quer dizer, passa prá fundação o que? O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, o Centro de Pesquisas, o mais novo relativamente, o da Bahia, que é o Gonçalo Muniz, que era do estado, e o René Rachou, não é? Então, tinha aquela coisa e eu me lembro que eu andei burilando alguma coisa sobre estrutura, desse organograma. Eu disse “Poxa, devia ser, Fundação Oswaldo Cruz, Fundação Instituto Oswaldo Cruz”, embora isso tivesse sido criado assim, transformado o Instituto Oswaldo Cruz numa Fundação, porque a ideia inicial foi essa. Tanto que a escola não pertencia à Fundação.

LK - Não, depois é que engloba tudo.

RA – Então, eu fiz um organograma, fundação, depois isso assim, assim, assim, aí eu fiquei, cansei, digo bom, e o INERu? Bom, o INERu, de fato... o que que é o INERu? É o somatório de três centros de pesquisas, ou se quiser de quatro com um núcleo central.

LK - É, se pensar no...

RA - É apenas isso, não é? Porque não era uma instituição em si mesma, prédio, uma coisa que fosse o INERu, e não era isso. Aí eu pensei, disse: “Esse negócio eu acho que devia desaparecer, devia ser direito, ou até mudava o nome, porque antes era Instituto de Malariologia, então seria Instituto René Rachou, voltaria a ser Instituto Aggeu Magalhães,

porque ele tinha sido Instituto Aggeu Magalhães, o Gonçalo Muniz também ia ser Instituto Gonçalo Muniz, então estariam todos no mesmo plano, Instituto Oswaldo Cruz, então seria lógico”.

LK - Acabou sendo assim.

RA - E eu discuti isso, pensei isso na época. De repente essa coisa, não posso dizer, de maneira nenhuma, seria pretensão minha, eu tive a ideia, eu que sugeri, de maneira alguma, mas isso eu cheguei a fazer. Ainda um tempo atrás, eu andei descobrindo uns rascunhos, umas coisas rabiscadas, era assim, eu vi que eu tinha colocado dessa maneira.

LK - Você mandou essa documentação prá você doar prá Casa de Oswaldo Cruz?

RA - Isso era muito perigoso, viu? Porque eu estava mexendo com o interesse de pessoas, sabe... porque qualquer pessoa que propõe mudanças de estrutura mexe com interesses individuais, muitas vezes muito sólidos e estabelecidos, não é? E aí cria problemas muito sérios, não é?

LK - Agora a incorporação do René Rachou à Fundação criou algumas alterações na, em termos de trabalho do Instituto, da administrativo realmente deve ter algumas mudanças?

RA - Não, as coisas, ao que parece ficaram um pouco mais difíceis porque, veja bem: vamos fazer algumas considerações anteriores. A ideia do René, era de criar, e isso está nessa lei que cria o DENERu, e está lá colocado, e a ideia dele precede a criação da coisa: era criar centros de pesquisas regionais, ele defendia muito essa ideia. Tinha ideia de criar no Rio Grande do Sul, Paraná, no Ceará etc., seriam centros regionais, tantos quantos fossem necessários. Isso está inclusive incorporado à lei que cria o Departamento, o DENERu, não é? Bom, mas ele, com esse acontecimento fortuito, que foi esse congresso em Belo Horizonte, quer dizer, essa coisa toda foi por acaso, meramente por acaso? Não! Claro que existia um clima que favoreceu, mas o fato mesmo, surgiu por acaso. O que aconteceu? Aconteceu o seguinte... no meu entender, na minha visão, hoje isso está superado, mas de qualquer maneira era o seguinte: o Brasil perdeu e Minas Gerais ganhou. Por que? Porque o Instituto de Malariologia no Rio, tinha uma penetração no Brasil inteiro, então, o pessoal saía em todos os estados do Brasil e fazia pesquisas, e retornava. Eu mesmo viajei quanto, conheci esse país de todo lado, como membro do instituto viajante.

LK - O ideal também era fazer isso.

Fita 1 - Lado B

RA - Mas bom, eu não sei se gravou o que nós estávamos falando.

LK - Gravou.

RA - Mas então o Brasil perdeu e Minas Gerais ganhou. E o pessoal que trabalhava, em parte perdeu, porque tinha um contrato com o Brasil todo. Isso em termos relativos, não é? E Minas Gerais ganhou por que? Ela ganhou uma instituição de pesquisa que não tinha, ganhou recursos, incorporou à instituição indivíduos que eram de excelente qualidade, de inteligência e capacidade de trabalho e tudo mais, e esse pessoal cresceu. Porém, ele se provincianizou, passou a ser o instituto de uma província. E como os problemas em Minas estavam ali na beira da calçada, malária, Chagas, esquistossomose, razão pela qual o René sugeriu que ele fosse transportado prá Minas, porque já malária não havia no Distrito Federal, o Rio de Janeiro era o Distrito Federal, não é? Era a grande endemia, enquanto as outras endemias começavam a ser trabalhadas, isso antes da criação do próprio DENERu, não é? Então, e esses problemas estavam ali, junto de Belo Horizonte. Belo Horizonte tinha tudo só não tinha malária, e também no Rio não tinha tanto, tudo bem. Então, o que acontece? Há o desenvolvimento de Minas Gerais em decorrência dessa ideia de o René levar o Instituto prá lá. Leva recursos e leva pessoal e incorpora pessoas locais. Então, Minas Gerais teve um lucro, uma vantagem extraordinária, passou a ser historicamente o terceiro ponto de desenvolvimento da Parasitologia no Brasil, que tinha sido antes no Rio, depois se deslocou prá São Paulo e depois foi prá Minas Gerais, por razões diferentes nesse circuito, não é? Bom, mas o país perdeu. Bom, quer dizer, perdeu em termos, porque esse pessoal já não viajava mais. Porque viajava o que, viajava ali, cinco quilômetros, dez quilômetros ou 50 quilômetros, na periferia de Belo Horizonte, porque os problemas estavam ali, eu mesmo passei a trabalhar em cima dos problemas de dentro de Belo Horizonte, que eram presentes ali, era muito mais simples, muito mais fáceis de trabalhar ali. Então, o instituto saiu da capital da República e foi prá Província, antes ele tinha lá na capital, quer dizer, os recursos estavam ali à mão, ele fazia parte do grupo diretivo, de direção e tudo mais, o que manipulava ou manuseava os recursos e fazia a sua distribuição, agora depois, não, passou prá Minas, você tinha que enviar o dinheiro, enfim, já era uma outra coisa, não estava mais no Rio. Com a mudança do Rio, da capital prá Brasília aí o problema ainda ficou pior; agravou mais o problema, porque de qualquer forma era uma instituição de uma província, num estado, não era uma instituição nacional. Agora, quando passa para Manguinhos, houve, há uma coisa curiosa, há uma coisa muito grande nisso, para que não passasse para Manguinhos, o pessoal não queria. Não queria que fosse incorporado a Manguinhos, e fez todo o possível prá que ele fosse incorporado à Sucam. Quando desaparece, há aquelas mudanças, DENERu, aquela coisa toda, que fosse incorporado à Sucam. Porque tinha muito mais recursos e a Sucam era um órgão que se sucedia ao serviço de malária, sucedia ao DENERu, e que tinha postos no Brasil inteiro e o instituto Oswaldo Cruz estava no Rio de Janeiro, era voltar à situação anterior. E tinha uma espécie de exemplo, que era a mal sucedida implantação do Ezequiel Dias, como estação ou como instituição, como é que se diz? Filial de Manguinhos em Belo Horizonte que não vingou, por brigas, por atritos, por ciúmes, ou coisas muito pior, de caráter pessoal e muito assim colocado; não houve uma unidade por crescer uma instituição. Não houve isso. Houve atritos de família, doutor fulano, que casou com fulana, e aí a coisa vira só essas brigas, que todo mudo entende como se fossem brigas de família ou coisa que o valha. Mas houve uma resistência grande, tanto eu me lembro que o ministro da Saúde era o [Francisco de Paula da] Rocha Lagoa: ele foi a Belo Horizonte e houve uma reunião informal do pessoal do centro de pesquisas lá, eu fiz até parte, para pressionar o Rocha Lagoa que eu fiz, para que o instituto ficasse na Sucam e não em Manguinhos. Isso aí é uma coisa que pouca gente sabe.

LK - Isso aí eu já tinha ouvido falar.

RA - Mas isso é uma coisa verdadeira, isso ocorreu. Eu me lembro no meu laboratório, quando eu entrei, sabe quem, Mário Ferreira, não confundir com Maneco, entendeu? Mário Ferreira era do Sul e tinha sido superintendente da antiga CEM, não é? Campanha de erradicação da malária; então, ele me procurou e disse e tal, e começou conversando, depois o pessoal se juntou, e essa coisa ocorreu lá e tal, porque o ministro vem aí etc., prá fazer força prá que isso fique na SUCAM, não saia e tal.

LK - Era uma coisa contra o Chagas?

RA - Era contra, era contra, ouviu, e tem outras razões aí um pouco claras, que poderiam ser mencionadas, mas é melhor nem abordar isso (Risos).

LK - Então um pouco como é a atitude do Hospital Evandro Chagas no Pará, porque o Evandro Chagas também. Ele num momento ele é incorporado, quer dizer, ele é da Fundação, depois ele fica na universidade, depois ele fica na Fundação SESP e ele não quer voltar prá Fundação, não é? Há pouco tempo...

RA - Mas aí é uma coisa também, era impedindo isso, é que o SESP tradicionalmente ele sempre pagou melhor, entendeu? Então a dificuldade que existia era isso, o SESP passa prá fundação, mas o salário é maior, como é que fica? Então, houve um problema dessa natureza, agora se outras questões foram levantadas, aí eu ignoro, mas essa questão salarial foi uma questão muito proeminente, muito marcada nessa coisa. Já o René Rachou, já era algo diferente, porque a Sucam tinha uma mobilidade, e trabalhava no Brasil inteiro e você podia viajar, e contava com, porque as coisas também eram meio estanques. Então você tinha possibilidade de viajar e de contar com apoio, ao passo que, bom Manguinhos, aí já era Manguinhos, já existia no Rio de Janeiro, e não tinha filiais ou penetração no resto do Brasil. Muito teoricamente porque, na verdade, você podia trabalhar em qualquer lugar, não é? E tinha o exemplo do Ezequiel Dias, era isso, depois vem uns problemas porque vai haver conflito etc., como se fosse assim um tipo de competição que levasse à destruição e naturalmente quem seria destruído era o mais fraco, não é? Essas coisas bailaram por aí, e ocorreram exatamente por essa razão. Elas foram...

LK - É meio natural também, não é?

RA - Era uma questão de defesa da sobrevivência em relação daquilo que você tem em relação a uma outra coisa que você não sabe bem o que é e como pode se desenvolver. Então isso ocorreu, não é? Ocorreu muito nitidamente. A instituição cresce, se desenvolve e aí vem todas as atividades. Enfim, eu acho que Minas lucrou enormemente com essa ideia central do René Rachou em ter levado a instituição prá lá. Agora depois também e no fundo por essas idiosincrasias, esses problemas de relações humanas etc. ele num determinado momento, eu conheço bem a história, eu não participei dela, mas eu conheço bem, há uma pessoa que conhece profundamente essa história, que é o Miguel.

LK - Ele prometeu me dar uma entrevista.

RA - É o Miguel, ele pode lhe contar a coisa, que é um negócio até meio deprimente, mas ele então sai de Belo Horizonte e volta pro Rio. O René [Guimarães Rachou] era uma pessoa rica, filho único, o pai era médico, foi médico, já estava idoso, já não clinicava mais; tinha recursos, tinha dinheiro, podia viver sem trabalhar, porque o pai também tinha interesses industriais etc., uma indústria de tecidos, coisa assim, e ele voltou pro Rio chateado da vida porque tinha colocado tudo naquela instituição. Trabalhava tremendamente, ele tinha um hábito muito curioso, e muito saudável, muito salutar, todo final de semana ele passava em todos os laboratórios com um caderninho na mão. Eu me lembro um caderninho espiral. Ele entrava no laboratório e nós éramos muito amigos, e ele punha a questão: “Bom, você vai me dizer o que que você precisa, como é que estão as coisas, seu trabalho, está indo bem, não precisa entrar no que você está fazendo não porque eu já sei, viu? Eu quero saber o que que você precisa e tal, de pessoal, de material etc. Se você tem alguma queixa, se tem algum problema, de menor ou maior”. Aí ele anotava, e voltava e queria saber se aquilo foi atendido ou se tem alguma coisa e sentava; isso ele fazia semanalmente em todos os laboratórios. Quer dizer, ele era participante ativo, atividade do crescimento da instituição, porque era uma coisa rara e é rara. Porque de modo geral, pelo menos dentro da minha experiência, o que eu vi, é que os diretores sempre se encastelaram na sua sala, no seu gabinete e eles esperavam que as pessoas venham a eles, mas eles não vêm às pessoas e muita coisa eu fiz em decorrência dessa aprendizagem que eu tive como exemplo dele. Eu procurei copiar muita coisa porque eu achei que era válido, por exemplo, a preocupação nítida que eu tinha de formação de pessoal. Então dizia: “Ciência se faz com gente, com cabeça, então precisa-se formar gente prá fazer Ciência”. Então se deve dar toda ênfase a isso, não só o trabalho de pesquisa, quer dizer, o resultado, mas também aquele processo de formação de pessoal. E ele cuidou disso do menor ao maior, e eu fui mais hábil algumas vezes.

LK - Eu ia te fazer uma pergunta.

RA - Eu fui nesse caminho, sabe?

LK - Você tem uma experiência de direção do Instituto de 57 a 59, que é o período de início do Instituto dentro de uma estrutura, e depois você vai ter em 70...

RA - De 72 a 74.

LK - Que é já dentro da Fundação. Como é que você...

RA - Encaro as coisas?

LK - Encara essas duas coisas?

RA - Não, são realidades bem nítidas, bem diferentes, porque antes de mais nada a gente não pode esquecer ou desprezar a realidade do próprio país, que cresceu de uma maneira acelerada. Quer dizer, o Brasil de hoje, o Brasil que nós vivemos é muito diferente do Brasil que eu vivi nos meus tempos áureos de 20 anos, não é? Basta lhe dizer o seguinte: eu comecei a trabalhar muito moço, e comecei porque quis, e quis de uma maneira romântica, viu, porque dado condições familiares, eu lia muito, quer dizer, eu tinha também acesso aos livros, não é? Podia ler e uma das coisas que me encantavam muito era História, mas uma história de

uma maneira que hoje não se coloca mais; era uma maneira romântica, do herói. O herói é que move o mundo... quando a gente sabe que as coisas não são do jeito, aliás o próprio, como é aquele historiador francês? Como é, até o nome de uma citação em Paris? Como é o nome? Ora, ora, ele tem um livro de uma historiadora americana que aborda também isso, a destruição do mito do herói, fazedor da História, mas eu fui influenciado por isso. Eu lia muita biografia e isso influenciou; eu lia os clássicos, lia os filósofos ainda que não entendesse, acho que 99%, mas lia Nietzsche, Schopenhauer, lia Rousseau, e outras coisas. Depois caí numa coisa melhor que era Marx, melhor que isso tudo, não é? A outra etapa, Comte, que é uma transição de certa forma, mas então me seduzia a ideia de ser um *self made man*, quer dizer, eu vou me fazer por mim mesmo, não vou dever nada a ninguém. O que não passa de uma grande ilusão evidentemente, não é? Mas eu me esforcei e fui trabalhar. Então eu sabia que era condição exigida pra que o indivíduo trabalhasse, que ele tivesse certificado de militar, pelo menos essa é uma ideia que me foi passada e que eu tinha, então o que eu fiz: com a idade mínima eu fui servir o Exército pra ter certificado de reservista pra poder trabalhar. Eu fui fazer Tiro de Guerra, porque na época o que existia pra classe média era o Tiro de Guerra, o Zé-Povão era o Exército mesmo, era o quartel, e pro outro grupo era o CPOR, pessoal que já estava na universidade, e fazia o CPOR, não é? Hoje eu não sei bem como é que isso funciona, mas eu era menino quando fui fazer Tiro de Guerra, tinha 16 anos, com idade mínima; fiz e logo em seguida me mobilizei pra trabalhar, e saí procurando emprego, mas o emprego que eu arranjei não foi fruto da minha busca, mas alguém me deu de mão beijada um emprego no serviço público, e que foi o Serviço Nacional de Malária. Então eu fui trabalhar no Serviço Nacional de Malária, e eu era tão duro que, de certa maneira, eu me sentia... como é que se diz? Frustrado, eu não sei bem o que dizer, porque era um trabalho duro porque estava distante, da minha, vamos dizer, burguesamente falando, da minha posição burguesa na sociedade a que eu pertencia, porque eu saía de casa e ia pro subúrbio. Ia lá pra o Engenho de Dentro e lá tomava uma caminhonete e ia pra esse subúrbio do Rio que tinha malária, pra capturar larva de mosquito e mosquito, e tudo, mas fui aprender isso na prática; teoricamente eu não conhecia, pouca coisa eu conhecia, mas fui aprender na prática. E depois eu me vi na contingência de arranjar uma marmita, porque você era marmiteiro, por que? Porque você ia pro mato e não tinha lugar pra comer; o máximo que você podia arranjar era entrar num quintal e pedir, arranjar uma fruta, uma goiaba, uma laranja, sei lá, não tinha. Jacarepaguá eram fazendas e sítios, não era o Jacarepaguá de hoje. Barra da Tijuca aquilo era um areal, eu trabalhei na Barra da Tijuca quando aquilo era um areal, que não tinha nada, nenhuma construção. Fica atolado ali, pra ir ao Recreio dos Bandeirantes você dava a volta, ia pelo subúrbio, mas, quer dizer, eu vim de uma época desse tipo, as condições de trabalho eram diferentes. Depois eu arranjei uma roupa velha, hoje eu poderia vestir o quê? Um *blue jeans*, mas na época não existia nem aquilo; uma roupa velha, um sapato velho, e tal, deixava lá no laboratório central, lá no subúrbio, trocava a roupa pra ir pro campo, e me sentia meio constrangido, não é? Pelo tipo de trabalho, poxa, mas isso é trabalho pra outra categoria de gente, não é? Mas pra mim aquilo foi muito bom, ouviu? Foi excelente o processo de minha formação. Se fosse técnica seria até de inserção dentro de um quadro, ainda se fosse Marx, já começava a ler Marx, “A origem da família e da propriedade privada e do estado”, do Engels, que é um livro basilar pra se entender todo esse processo, mas, então as coisas foram mudando, não é? Eu me lembro que o meu irmão, ah, o meu irmão não era desse trabalho. E ele viveu, só depois de 20 e tantos anos é que ele resolveu trabalhar. E eu estava lá dando duro e trabalhando, então minha experiência foi grande. Com mais ou menos 18 anos eu fui pra Goiás: eu interrompi meu estudo, estudo secundário, ainda não

tinha entrado em faculdade, nem nada, só vim fazer há muito tempo depois, mas eu fui prá Goiás, era menino, devia ter 18 anos, mais ou menos, peguei um avião aqui de manhã e só cheguei lá de tarde. O avião eu me lembro era um *Lord Star* da Lock it, avião que você andava com um pé no chão, você entrava, praticamente, então, se quisesse tinha um degrauzinho de madeira que eles punham, de madeira, assim, como uma escadinha, para servir de entrada, parece que 16 passageiros; voei para o lado de Goiás, andar, voar de avião era uma façanha, era um negócio...

ET - Temerário.

RA - Extraordinário, hein?

ET - Temerário?

RA - Era uma coisa extraordinária! O chefe do serviço viajava, eu assumia e eu era menino; era bem jovem, com 19, 20, 21 anos, então eu é que assumia. Eu me lembro uma ocasião eu assumi essa direção em Goiás, e o governador era o interventor, era o Pedro Ludovico, e ele procurou o chefe de serviço que, na época, era Olímpio da Silva Pinto. Ele não estava, então quem estava respondendo era eu; então eu fui ao Palácio, prá conversar com ele. Quando ele me viu ele disse: “É você? É você que é o diretor?” (Risos). E eu assim, todo se insinuando, não é? Tinha 18 anos por aí... outras situações meio engraçadas da minha juventude, do posto que eu ocupava, me ocorreram, não é? Então, a minha vivência sempre foi muito grande, foi muito marcada por essa coisa, eu aprendi muito.

LK - Quer dizer que então a diferença que você vê entre os dois é de épocas, exatamente?

RA - É, são épocas diferentes, são situações diferentes. Hoje, por exemplo, isso não se repetiria, você não ia encontrar uma pessoa tão jovem numa posição dessas, por uma série de razões: o país era outro, a carência de pessoal, eram diferentes, você contava as pessoas, contava mesmo nos dedos, era diferente, não é?

ET - Agora assim no plano de desenvolvimento da pesquisa, dá prá dizer que um período teve um desenvolvimento maior do que o outro, uma coisa assim?

RA - Bom, como é que a gente pode encarar isso? Porque a ciência é um processo, é um processo contínuo, não é? Então, se você pensar na ciência há 50 anos atrás, ela era altamente desenvolvida. 50 anos! Depois vai avançando, hoje o que será daqui há 10, 20, cinco anos. Quer dizer, a resposta vai ser análoga; é claro que como é que a gente pode encarar isso, não é? O rádio, televisão, que não havia, televisão, o rádio de pilha que não havia, que foi uma revolução. O que fez uma revolução no mundo inteiro, no meu entender, é o rádio de pilha, porque as pessoas não viam, mas ouviam e isso deu um salto, e o conhecimento científico é outro, não é?

LK - Em [19]55, 59, a sua primeira gestão no René Rachou, você tem o momento em que o Instituto foi criado; ele tem três anos, efetivamente, dois prá três anos, e ele está num processo de institucionalização de crescimento.

RA - Certo.

LK - Quando tem a segunda gestão, ele já é o Instituto?

RA - Ah, já é uma instituição.

LK - Já é uma instituição, mas ele está num marco de um outro processo, que ele está dentro de uma fundação, numa outra, isso tem, esse ciclo em Belo Horizonte?

RA – Bom, isso muda sim porque, afinal de contas, Manguinhos é uma instituição tradicional, é uma instituição que tem um prestígio inegável, não é? E que se desenvolveu ao longo do tempo, desde o início da sua, não vamos dizer criação, porque ela vem há, o Instituto é anterior a Oswaldo Cruz, não é? Mas, e isso tem quer dizer, o povo, de um modo geral, sempre teve consciência e conhecimento disso. O povo sempre reverencia o conhecimento, a ciência, não é? Tira o chapéu pra isso, quer dizer, ainda que possa, de certa maneira, não responder, não entender em si da coisa, mas sabe da importância disso. Então, esse manto do Instituto Oswaldo Cruz foi extremamente benéfico, extremamente salutar, e dá um outro fôlego, outro *élan*, um outro *status*, vamos dizer... essa coisa que a gente chama *status*, é sutil e é subjetivo...

LK - Agora com isso vem uma interferência no trabalho do Instituto? Porque esse centro tem um jogo...

RA - Não, eu acho que do ponto de vista científico, eu não acho que tenha havido uma grande interferência, ouviu? Porque a interferência existiria se, digamos, como se pensou que pudesse ocorrer: pesquisadores daqui fossem a Belo Horizonte e passassem uma temporada lá e tivesse uma troca muito íntima de conhecimento, mas isso no meu entender nunca ocorreu. E hoje ainda me chama atenção e eu fico surpreso: o pessoal de Belo Horizonte vem ao Rio, mas não tem contato com a instituição no Rio. O contato é mais em termos de coisa meio eventual, ligado um pouco à questão administrativa, mas eu não conheço, por exemplo, a ação de pesquisadores de Manguinhos dentro do Instituto, do René Rachou, é meio perfunctória. Existe porque ela vem decorrendo mais das relações pessoais, e não de um processo institucional ou institucionalizado. Manguinhos, vamos dizer assim, sempre respeitou com aspas ou sem aspas, a existência, a pessoal de lá e tal “Ah o pessoal de Belo Horizonte etc. e tal”, há uma relação muito amistosa, muito simpática, muito entre esses dois grupos de pesquisadores e tal, mas nunca houve uma leva de conhecimentos daqui pra advogar lá dentro. Isso não! No meu entender, isso nunca ocorreu.

LK - E nesse período em 70 não houve nenhuma tentativa disso?

RA - Não, não houve nada disso. Não, porque nessa época eu me reporto ao segundo período da minha gestão já existia uma, o curso de pós-graduação e esse curso de pós-graduação era dado pelo pessoal de lá. Eventualmente pessoas de fora eram convidadas para proferir uma palestra, um pequeno curso de uma semana era colocado como uma pessoa como lembro muito que foi lá, foi o Hugo Souza Lopes, é uma pessoa extraordinária, Hugo Souza Lopes, não só como cientista, um valor incontestado, mas como ser humano, um indivíduo extremamente único.

LK - É uma pessoa muito bonita.

RA – É... muito querida de todo mundo, a maneira dele ser, e ele era fundamentalmente um formador de gente, como René Rachou era isso, o René sabia conduzir as coisas, e levou, pegou o pessoal de lá, técnicos.

Fita 2 - Lado A

RA - A instrução que eu dei ao pessoal, quando eu assumi a direção, sobretudo na segunda fase, eu disse o seguinte a eles, pessoal de administração, não é? Auxiliar mais direto, almoxarifado etc., eu disse; “olha, nós temos que nos conscientizar do seguinte: nós existimos porque existem os pesquisadores e não o contrário. Quer dizer, a nossa função é dar tudo, fazer o melhor, para atender às necessidades dos pesquisadores. Eles é que mandam na instituição, não somos nós, nós obedecemos, e vocês devem pensar nestes termos. Qualquer solicitação de um pesquisador, a gente deve fazer o máximo prá atender, ouvir, porque eles é que são importantes, nós não somos. Nós podemos ser substituídos por eles, mas eles se forem substituídos vão criar buracos enormes, porque uma cabeça de pesquisador não está rolando não, mas o comprador, um datilógrafo, o indivíduo lá do almoxarifado, falaram, e tal, são muito importantes, mas não se substituem, não viu, são secundários. Esse foi um ponto que eu chamei sempre atenção, mas uma outra coisa que eu fiz foi o seguinte: a universidade se alterou, não é? Foi possível e hoje é possível o indivíduo fazer curso isolado na universidade. Você tem qualquer profissão, os cursos que fazem parte daquele todo; e você quiser fazer um curso daqueles, a lei permite que você faça, o único obstáculo é vaga, não é, o único obstáculo. Então, sabendo disso e tendo consciência disso porque era também da universidade, eu fiz o seguinte: eu peguei todo o pessoal técnico da instituição, todos os técnicos e botei na universidade prá fazer o curso de Parasitologia que era dado pros alunos de Medicina. Agora eu fiz o seguinte: eu chegava assim prá um rapaz, não é? E raramente esse pessoal é, assim... auxiliar técnico e de uma, de um extrato mais modesto e muitas vezes era um indivíduo que a gente sabe que ainda perdura, um indivíduo de cor, se bem que falar de cor é uma coisa meio engraçada porque eu sou branco, e, no entanto, eu sou de cor, cor branca, não é? E quando a gente fala de cor é preto ou mulato, não é? Bom...

LK - Mas preto seria ausência de cor.

RA - Bom, é e a maioria deles é desse extrato e dessa componente, vamos dizer, racial. Então eu chegava prá um e dizia escuta, porque você não faz, a abordagem variava, porque você não faz o curso de Parasitologia lá na Medicina e tal, aí o sujeito dava uma voltinha e dizia assim: “Ah, doutor, o que é isso, eu, como é que eu vou poder, eu sou muito pequeno, e tal, e coisa”, aí eu digo, “mas você não gostaria de fazer não? Gostaria, bom gostar e tal, mas como é que eu vou poder fazer uma coisa dessas, etc, nesse linguajar, essa atitude, assim, eu digo não vamos fazer o seguinte: se você quer, você vai fazer, agora, você faz, você está liberado do trabalho aqui durante o curso, que eram três meses, não é? E, mas tem que pagar a matrícula, que a universidade, a faculdade cobra a matrícula, pelo menos cobrava, hoje eu não sei como é que está... você vai ter que pagar a matrícula, mas você pode fazer, não precisa

trabalhar, não precisa vir aqui, mas eu aconselho você vir aqui porque você vai à aula e depois tem microscópio, tem laboratório, prá utilizar isso então você faz o curso, mas você vai pagar. Mas vamos fazer o seguinte: você paga, faz o curso, você terminando, eu te reembolso. Se você não passar problema é seu, mas você passando, fazendo o curso, eu te reembolso. E não vou tirar dinheiro do meu bolso, não, vou tirar dinheiro do serviço; o serviço vai pagar, o serviço, mas primeiro você paga”. E eu fiz isso com todos, um por um, durante dois anos porque tinham dois cursos na metade do ano e a outra metade do ano, aquele sistema que criaram, não é? Você entrava numa turma em janeiro e outra no meio do ano. Então, faziam isso e o pessoal fez; só um não obteve sucesso, e assim mesmo por razões extremamente defensáveis, porque ele foi exigido demais prá só fulano e tal, acabou ele não podendo, mas no curso seguinte ele entrou, agora não, agora ele vai terminar, não vão mexer com ele, deixar ele estudar e tal. Aí então se pagou, foi o único que teve esse problema e mais, houve técnicos que foram primeiro lugar na turma junto com os alunos de Medicina, não era mais do que isso, não, quarto, quinto lugar, eram os três primeiros lugares. A pessoa fazia a prova, faziam tudo, fiz com que todos eles fizessem isso e dizia prá eles o seguinte: “Isso tem duas vantagens: uma prá você e outra prá instituição, prá instituição porque vai contar com a mão de obra melhor, mais qualificada, você vai ter uma visão melhor das coisas, então isso vai ser importante prá instituição, e prá você porque isso poderá criar condições prá que você possa ser promovido etc., porque você vai receber um certificado que fez o curso e isso vai lhe dar vantagens num determinado momento em dinheiro, e eu não vou lhe prometer que também você terminou o curso vai ser aumentado, ou vai ser promovido, qualquer coisa, não viu? Mas eu sei que isso vai ser vantajoso prá você”. E fiz com que todos os técnicos fizessem o curso, e eles fizeram, isso quem inaugurou lá, quem fez isso fui eu, lá em Belo Horizonte. Isso vinha, exatamente vai pelo exemplo do René Rachou, que tinha uma preocupação marcada com a formação de pessoal, não é? Ele via a coisa em termos nacionais, e tentou, e estimulava que isso fosse exterior etc., mas isso nunca ocorreu de uma maneira muito organizada, embora eu, por exemplo, se tivesse me candidatado e ganhei três bolsas pro exterior... tinha passagem, ganhei uma bolsa pros Estados Unidos e ganhei prá França. Prá Alemanha eu ganhei uma bolsa em condições difíceis, veja só, naquela época... porque hoje é fácil bolsa, o sujeito recusa bolsa, o CNPq tem recursos prá bolsa no exterior e sempre tem candidato, isso é uma verdade, ouviu? Pois bem, uma bolsa que eu me candidatei prá Alemanha, eram três bolsas prá América Latina toda, eu ganhei.

LK - Você foi?

RA - Hum, posteriormente eu fui lá.

LK - Você não foi quando ganhou a bolsa?

RA - Não, nessa ocasião, não, nessa ocasião ocorreu o seguinte: eu ganhei a bolsa, aí tudo estabelecido, praticamente a data de viagem e tal. Aí eu recebo uma em parte proposta, mas a possibilidade de trabalhar como consultor da Organização Mundial de Saúde, e aí eu entrei por esse outro caminho.

LK - Segurou a bolsa.

RA - É, mas tem outras coisas de caráter pessoal etc., não é? Uma das coisas que me ocorreu acho que eu lhe contei, que eu fui convidado pelo governo francês prá dirigir a campanha contra esquistossomose no Caribe, naquelas ilhas que eles têm lá, e eu estava na Europa nessa ocasião. E eu não aceitei; depois me arrependi amargamente como hoje me arrependo disso porque eles queriam, ofereceram isso, mas queriam que eu mantivesse um contato permanente com a Universidade de Paris prá ter uma transferência de conhecimento prá orientação de pós-graduação etc. E eu, eu estava engajado num projeto e tinha ido a Europa em parte por isso, não integralmente porque eu fui à Europa porque eu fui convidado pela Max-Planck para dar, fazer conferência lá na Europa, na Alemanha depois então eu percorri outros países a propósito de um curso que nós pensávamos montar no Brasil. Então por causa disso eu não aceitei, mas eu dei uma mancada monumental, porque quando me convidaram eu deveria ter dito “Bom, em princípio eu aceito, eu vou voltar pro meu país, vou ver, tal etc.”, mas não eu botei a coisa assim, voltei a programação que eu tinha feito foi pro brejo eu fiquei sem uma coisa e outra. Perdi essa chance, mas a própria ida pro exterior foi através do René Rachou. Isso eu devo a ele como outros deveram a ele; ele voltou pro Rio, do Rio ele voltou prá Organização, e quando ele voltou, veio de férias ao Brasil, ele me procurou e me disse: “Olha, a Organização está precisando de uma pessoa assim, assim, assim, perfil, e eu acho que você podia se candidatar a esse posto, que você faz uma candidatura, e você tem chances de ser, do seu lar, não posso afirmar, mas de ser escolhido etc., e eu fiz e naturalmente isso aconteceu.

LK - Você ficou quanto tempo lá?

RA - Mas eu fiquei, eu fui prá ficar um ano e fiquei dois, podia ter ficado muito mais.

LK - E isso aí foi depois de [19]59?

RA - É, depois de 59, isso foi em 64 por aí, é quando houve o golpe militar, aqui, policial-militar. Eu estava no exterior... eu me lembro que eu escutava o rádio com dificuldade, e me senti extremamente sensibilizado, tocado, excitado com aquelas notícias, eu disse: “Puxa vida, eu vou voltar ao Brasil e eu vou pegar, dar tiro lá”, foi quando ocorreu aquele negócio todo, eu: “Mas não é possível!”, eu me senti assim. Eu me lembro que inclusive um médico lá do Serviço Nacional de El-Salvador, me disse umas coisas que eu fiquei chateado da vida, ele me disse assim: “*Mas como es possible, usteres brasileiros san cobardes, non lucham?*”, eu digo, puxa, caramba, mas assim, eu digo, dá um golpe, tomam o poder, não acontece nada, vocês não, porque eles tinham uma verdadeira esperança no Brasil, como capaz de enfrentar os Estados Unidos, vinha aqueles episódios do Jânio que pareciam externamente era uma coisa diferente, e eram nomes conhecidos, eram Julião, Jango, Jânio, Prestes, esses eram os nomes, não é? Também Pelé (risos).

LK – Ah, esse é natural.

RA - Mas depois ocorreu essa coisa toda, foi terrível, foi um desastre, não é?

LK - Foi em 1964, em 1965 você estava?

RA - É, eu estava fora, eu vim depois do golpe dado.

LK - Você voltou para o René Rachou?

RA - Ah sim, voltei prá lá. É vim pro Rio, do Rio fui prá lá e me instalei, comprei casa, eu tinha casa em Belo Horizonte, e posteriormente eu fui convidado outra vez prá assumir a direção, aí tem duas coisas curiosas: uma é que eu fui, eu assumi a direção a primeira vez por convite do professor Amílcar Vianna Martins, que era o diretor do INERu. Ele me procurou no meu laboratório, entrou, tal, sentou, e foi direto ao assunto, “Olha o Rachou vai embora”, aí eu disse, “vai embora, mas como, o que que houve”, “não e tal, ele vai voltar pro Rio”, “Bem, fiquei espantado, e eu quero, gostaria que você assumisse a direção do Centro de Pesquisas”, eu me lembro que a surpresa foi tão grande que eu disse, ‘Eu? Eu?’ como se eu tivesse procurando outra pessoa que pudesse ser dito, me disseram, eu ainda ingenuamente eu disse, “Mas por que eu? Por que eu?”. Foi a conta que me veio essas duas coisas: primeiro a surpresa; segundo ele perguntar “porque, sim, porque você tem uma experiência, você não sei o que etc.,” enfim, disse lá umas coisas por aí, meu acho que até fui muito previdente, eu disse a ele, “Está bem eu assumo, mas eu vou fazer o seguinte: eu vou me colocar como se fosse seu assistente, porque o senhor vê, o senhor é um diretor, está aqui, essas coisas se confundem” e na hora parece que eu estava adivinhando, depois eu vi o choque que houve, e aí as coisas foram, e quando ele deixou e assumiu o Olímpio da Silva Pinto, eu fiz uma carta ao Olímpio, me lembro que eu disse num trecho, “não quero pretensiosamente me colocar, me coloco à sua disposição, salvo continuar na direção, porque não queria”, e eu fiquei ainda uns dois, três meses, mas eu não queria ficar na direção, porque não era uma coisa que eu gostasse, que me motivasse, eu queria estar dentro do laboratório e minha coisa toda sempre foi fazer pesquisa dentro do laboratório e não em direção. Da mesma maneira da segunda vez eu fui convidado pelo Dr. Jurberg, que já faleceu, ele tinha sido inclusive meu chefe quando eu era quase menino no Espírito Santo. Era uma pessoa muito atenciosa, eu gostava dele, embora politicamente nós tínhamos posições diferentes; a minha posição política era sempre olhar, eu era sempre olhado de uma maneira assim cor de rosa, vermelha, (riso), por aí. Mas ele me convidou, aí ocorreram uns episódios que eu acho que não vale a pena mencionar, e posteriormente, enfim, eu assumi a direção. Nesse processo de convite e tudo mais, não é, nessas coisas eu acho que eu sempre fui muito ingênuo, porque eu não tinha interesse, mas outras pessoas tinham, então criava isso, e depois eu deixei de ser diretor porque eu me neguei a fazer algo que era profundamente imoral e sem, e aético, eu disse eu não faço isso, me encomendaram um relatório dizendo, não você trabalha muito em esquistossomose, tem muitos trabalhos, você pode fazer aí prá justificar, eu não, você está julgando seu emprego ali, meu emprego, não, estou julgando pelo seu cargo, mas o cargo é prá isso, fulano não quiser, eu ponho quem quiser, mas eu não vou fazer um negócio desse, porque isso é uma ignorância.

LK - A Fundação não interferia na escolha dos diretores do centro, também?

RA - Não, o Centro, não. Não, porque tinha o INERu, era o diretor do INERu, que era o ponto de contato, não é, tanto que a direção do centro não tinha ligação direta, era indireta, mas eu atuo, procurei atuar de uma maneira direta, inclusive aquele episódio que eu fiz um organograma eu disse esse negócio aqui está errado, não tem razão de ser disso, porque o intermediário deve ser direto, já que houve uma mudança de estruturas, se deve ser assim, mas eu não, então voltando aquele ponto eu não aceitei, a pessoa que me telefonou, telefonou

daqui do Rio prá Belo Horizonte, umas quatro ou cinco vezes, e eu bobeando, pensando em outra coisa, ih, você não está entendendo, esses dados nós temos aqui, o negócio é isso assim, assim, eu digo, o que? Agora eu dei uma bobeadada grande, porque eu podia ter agido e atuado no sentido dessa pessoa ter levado uma, vamos dizer, uma bordoadada monumental, mas eu não quis fazer nada, não disse nada. Saí o meu episódio dentro desse quadro, montaram um show, não é, prá que a pessoa que ia entrar, televisão, rádio, repórter, aquela coisa, o auditório cheio de gente e tal, e eu no fim era pessoa importante da história porque ia passar a direção, não é? Eu disse, ‘olha eu não recebi nenhum documento me autorizando a passar a direção’, aí uma pessoa disse, ‘mas você pensa que você vai ficar’, ‘não eu sei não vou ficar isso não é a questão, a questão é a seguinte: eu estou precisando ter um documento que me autorize a passar a direção prá fulano e eu não tenho, e eu preciso disso’, ‘ah, mas é por isso?’, eu digo, ‘é’, aí eu disse uma frase, depois eu achei meio engraçada, eu disse, ‘olha, sem papel passado não há casamento’. (Risos). Mas lá está todo cheio de gente, e tal, não tenho nada com isso, não fui eu que montei essa festa, ouviu, não tenho nada a ver com isso, esvaziei, em decorrência eu esvaziei o negócio, os convidados foram embora, não houve...

LK - Ah, não houve transmissão?

RA - Não houve, mas também depois eu sofri um bocado por causa disso, ah, mas como eu sofri, fui humilhado, procuraram me humilhar de todo jeito, eu fui fazer as piores coisas possíveis por causa disso, mas eu tive coragem e peito prá fazer e fiz. Se tivesse que repetir eu fazia da mesma maneira, só que eu não deixaria de ter feito o que eu deveria ter feito aquela proposta. Ele não teve coragem de fazer, mandou uma outra pessoa, intermediária, mas isso aconteceu, e isso eu fui toda vida por isso, nossa mãe, você não sabe o que é ter um posto, ter um poder, perder o poder e ficar a zero praticamente. É um negócio doloroso, você precisa ter um bocado de fôlego prá respirar fundo, contar até 10 ou 100, e enfrentar uma parada dessa. E muita coisinha pequena você enfrenta, não é? Coisas horríveis, como esvaziar a instituição porque colocaram gente demais e não tinha dinheiro prá pagar. Então você não, demite, ‘olha que não tem dinheiro, o dinheiro está escasseando’, porque antes era uma verba global, a tal da verba 13, que era pessoal e material ao mesmo tempo. Então, tanto você podia comprar lâmina prá microscopia como podia contratar alguém.

Chegou um determinado momento a coisa estourou mesmo, e eu disse ‘olha, não tenho dinheiro’, ‘ah, então você demite’. Eu digo, ‘ah é, agora é bonito, não é? Contratar o senhor contrata, agora demitir, eu é que demito, não é?’.

E eu me vir nessa situação, aí pegar a lista de pessoal, ficar pensando quais são os problemas de... porque os problemas são análogos a todo mundo: precisa comer, tem família, os jovens, predominantemente jovens estudando, às vezes ajudando as famílias, um moço do interior e tudo mais, não é? Digo ‘puxa vida, que coisa’, e tive que fazer isso, não é? Chamar a pessoa e dizer ‘olha infelizmente está ocorrendo isso’, mas punha também, ‘isso é determinação do papai grande, do maior, não é minha não, não vou assumir essa assim sem mais’. Então a gente se vê diante de situações que as pessoas choram, se lamentam, uma coisa curiosa, não sei se isso é universal ou não, mas não sei, é com relação à mulher, é uma coisa complicada.

ET - Mais difícil, não é?

LK - Por que?

ET - Qual é, Lisabel?

LK - É exatamente igual.

RA – Por que que você acha que é? Eu tive problemas com isso.

LK - Ah, é exatamente igual, é um profissional igual ao outro.

RA - É, mas quando a mulher diz assim: “Olha eu faço tudo, mas não me tira daqui, hein?”. Quando isso tudo implica em tudo mesmo, e você fica numa ...

LK - Aí não tem nada a ver. Esse tudo não tem nada a ver, é uma relação profissional.

RA - Não era só profissional, era mais que ...

LK - Mas aí tem que ser...

RA - São situações que você fica assim...

LK - São constrangedoras.

RA - Puxa, terríveis, não? Terríveis, é... são situações difíceis, que você não pode reagir como, é uma coisa complicada, ouviu?

LK - Porque com relação ao homem, toca no machismo do homem, isso é um aspecto da questão, e o outro como é, você vai responder dando uma aula de moral, de ética etc., também você fica embaralhado, confuso, não é?

LK -Porque tem uma carga de machismo.

RA - Hein?

LK - Porque tem uma carga de machismo, aí.

RA - Tem.

LK - Estamos gravando a discussão.

RA - Mas é um problema, não é?